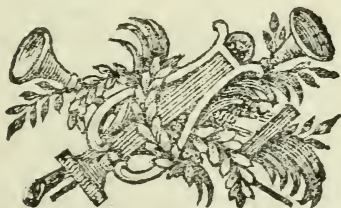
HERMINIA:
TRAGEDIA
COMPOSTA
POR
FRANCISCO SOARES FRANCO.

Bacharel formado na Faculdade de Filosofia.

LISBOA:

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. XCIII.

Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

ARGUMENTO.

NO tempo, em que Mahamet Sultão do Egypto combatia por defender Jerusalem do furor, com que os Cruzados a pezar de tantas desgraças a atacavão, Godofredo de Bulhão, Duque de Barbante, vendendo a sua terra de Bulhão ao Cabido de Liege, e Stenay ao Bispo de Verdun, acompanhado de alguns senhores da Europa, que pensavão não lhes ser preciso mais, que o seu valor, e algum dinheiro, para conquistar Reinos na Asia, passou á Palestina.

A primeira expedição foi saquear, e matar os infelices habitantes de huma Cidade Christã na Hungria; tendo assim provadas as armas, assaltárão Nicéa, que foi conquistada no anno de 1097; e no de 1099 foi entrada Jerusalem por entre huma horrivel carnagem. Godofredo ficou eleito Duque de Jerusalem; mas como esta Cidade era Santa, foi preciso, que a tyrannia cedesse ao fanatismo, de sorte, que hum Legado, por nome d'Anberto, ficou dando as leis em Jerusalem, em quanto Bulhão trocava pela usurpação do pequeno porto de Joppé o senhorio dos melhores Paizes da Europa. As divisões continuárão: não houve quasi Cidade alguma, que não tivesse a sorte de pertencer a senhor particular, sorte, que não

 con-

coube ao Duque dos Normandos; por cuja razão passou ao Cayro para obter com a mudança de Religião a do interesse: e para se vingar do Duque de Barbante seu competidor, roubou Herminia, irmã de Godofredo, quando esta não contava anno de idade.

Logo depois huma Sultana, Mãi de Celimene rendida aos furiosos transportes, que inspira huma rival no throno, e no amor, mandou matar outra Sultana Mãi de Selim, entregando este innocente Infante ao Duque dos Normandos, que já Musulmano se chamava Hamet, pensando com razão encontrar em hum Apostata o coração amoldavel a todos os crimes. Hamet da sua parte entregou Herminia, que debaixo do nome de Osmira era muito estimada da Sultana, ou fosse lisonja, ou amizade.

Selim ignorando a sua sorte, aprendeu com seu Pai supposto a ser Heroe na escola militar; victorias gloriosas tornárão por todo o Imperio tão famoso o seu nome, que Celimene, a filha do Grão-Sultão não pensou abaixar-se em ama-lo, sem que o conhecesse por irmão: crescêrão estes amores em pouco tempo a alto ponto: mas logo depois o cargo de General chamou Selim ás fronteiras ameaçadas da guerra, em quanto Celimene saudosa foi habitar na casa de Campo, que em antigos tempos os Sultões fabricárão junto ás margens do Nilo. Amurathes Principe do sangue Real, conhecendo nos amores de Celimene, quanto es-

ta-

tava longe do throno, ajuntou grande número de Conjurados; porém para dar o golpe com mais segurança, esperava, que Selim voltasse ao Cayro, temendo justamente, que o grande desejo de ser Sultão, lhe custasse com a vida o arrependimento do crime, quando já não havia tempo para o remedio. Voltou Selim ao Cayro; na seguinte noite desfechou a tempestade; Mahomet foi morto na sua mesma camera; porém Selim achou no seu braço se não escudo ao Rei, e a Patria, defensa a si mesmo. Seguido de alguns companheiros abrio por entre os rebeldes largo caminho, para poder chegar onde estava Celimene, com a qual fugio em hum pequeno Navio: Amurathes mandou logo huma armada para os prender, o que succedeo effectivamente. Mas este Tyranno ficou tão surprendido de Osmira, em quem a natureza tinha com tanta perfeição unido tudo o que ha de mais nobre, e mais amavel, que dahi em diante ella formava o unico objecto dos seus pensamentos. Osmira tambem amava muito Amurathes; porém os crimes de tal Tyranno pedião aborrecimento, ou ao menos desprezo, da parte da virtude: aqui principia a acção. O amor, e a virtude combatem na alma de Osmira, e desta opposição nasce o enredo da presente Tragedia: todos os Episodios são consequencia desta opposição, o que constitue a unidade de interesse em Osmira.

Fiz do amor o fundo desta Tragedia, inda, que tal paixão fosse desconhecida, ou des-

pre-

prezada pelos Gregos inventores da arte; mas, ſem que intente formar o parallelo do noſſo Theatro com o antigo, he certo, que ſe o amor for terrivel, e verdadeiramente Tragico, traz novas bellezas a eſta qualidade de Dramas; porque ao menos entre nós havemos confeſſar com Deſpreaux que - - -

De l' amour la ſenſible peinture
Eſt pour aller au cœur la route plus ſûre.

Não deve parecer improvavel, o não ſerem viſtas todas as perſonagens no 1.°, ou 2.° Acto, inda que eſte ſeja o coſtume do Theatro Francez, e Corneille o recommende. Antes julgo o contrario mais veroſimil, e aſſim o julgárão os Gregos. tanto, que no Edipo de Sophoches, Tragedia a mais bella da antiguidade, apparecem pela 1. vez, Tireſias, no 2. Acto, Jocaſta no 3., os dous Paſtores Corinthio, e Thebano no 4., e o Official no 5. Advirto em ultimo lugar, que não ha duplicidade de caracter na paſſagem do furor á piedade quaſi repentina, que ha entre Amurathes, e Oſmira; eſte he o coração humano. Na Tragedia citada, Jocaſta, que até o 4. Acto foi eſpirito forte, de repente apparece devota; e eſta mudança chama o Padre Brumoy, caracter admiravel: quem ſe quizer convencer leia o Prefacio de Voltaire á Mariamne, onde elle dá a Herodes eſte meſmo caracter.

PERSONAGENS.

AMURATHES, Tyranno do Egypto, e amante de

HERMINIA, ou OSMIRA Irmã de

GODOFREDO de BULHÃO.

CELIMENE, Filha de Mahamet, Imperador morto, e irmã de

SELIM, Supposto filho de

HAMET, Grão-Visir de Mahamet.

AGNOR, Confidente de Amurathes.

AGAR, Governador do Serralho.

Acompanhamento de Amurathes.

Official do Serralho, que falla.

Rien n' est beau que le vrai.

Boileau.

A Scena he no Cayro dentro do Serralho do Sultão

HERMINIA:

TRAGEDIA.

ACTO I.

O Theatro reprefenta a Sala dos Maufoleos dos Sultões do Egypto, os quaes occuparáõ a parte direita, e efquerda: hum delles eftará aberto de novo: no fundo fe verá hum Altar com pouca luz, fobre o qual efteja o Alcorão aberto, e fobre efte hum punhal defembainhado.

SCENA I.

AMURATHES, AGNOR.

AMURAT.

EU era unico Principe do fangue,
Que dos Sultões reftava nefte Imperio.
Mas bem fabes, Agnor, quanto eu temia,
Que o amor entre Selim, e Celimene,
Me arredaffe do Throno defejado.
O partido tomei; nefte Serralho
O Gráo-Sultáo foi morto, e Celimene,
Sua filha, do amante acompanhada

Nos

Nos mares demandou abrigo inutil.
A armada, que mandei para ſegui-los,
Já ſei, que os encontrou, e que os vencêra:
Seguro ſobre o Throno a paz não tenho.
Oſmira me aborrece, mas ſem ella...
(Embora ſaibas a fraqueza minha)
Sem ella, Agnor, o Sceptro me he pezado,
A vida não eſtimo, a morte buſco.

AGN.

A lembrança do Pai banhado em ſangue,
E da irmã a fugida arrebatada,
Devem fazer-lhe alta impreſsão por ora.
Porém filha ſegunda não podendo
Lembrar-ſe de ſubir ao Throno, o Throno
Lhe cegará os olhos ambicioſos.

AMUR.

Em fim vou deſcobrir-te o peito inteiro.
Pois tu pódes valer-me, e neſte dia,
Ou morrerei, ou vivirei contente.
Sabe, que Oſmira não naſceo no Cayro.
De terra de Chriſtãos foi, tendo hum anno,
Não ſei por quem, ao Cayro conduzida.
E tudo quanto digo eſtá eſcrito
Em certas provas no Serralho achadas.
Não o publíco; pois mais temo ainda
A nova crença, do que o antigo ſangue.
Eſte punhal, que vês eſtar luzindo,
Junto a eſſe Mauſoleo de novo aberto,
Para aterrar Oſmira ſó foi poſto.
Uſarei do rigor junto á brandura

Pa-

Para dobrar-lhe o coração altivo.
Ella vem : retiremo-nos hum pouco :
A vista pavorosa deste sitio
A' ventura talvez nos abra campo.

SCENA II.

OSMIRA só.

Que gelado terror no peito sinto!
Onde iráõ acabar mysterios tantos,
Que sem cessar no fundo da minha alma
Fazem nascer presagios tão funestos! (1)
Ceos! hum Altar de novo fabricado
Junto dos Mausoleos dos Reis do Egypto!
Que mais descobre a vista perturbada!
Deitado hum ferro sobre o santo livro!
Acaso sobre mim estão pendentes
Os furores do Ceo, e as iras vossas! (2)
Sim, vós, Deos grande, e vós, ó Pai augusto,
Ambos bem conheceis meus feios crimes.
Debalde sinto a voz da natureza
Dentro do coração estar clamando
Obrigação, dever, honra, e virtude.
Aos olhos d' Amurathes tudo esqueço.
De quem! de hum vil rebelde! de Amurathes!
Osmira tu deliras! que confessas!
Amurathes amar! esse Tyranno,
Que conduzindo em borbutões de sangue,
Fu-

(1) Olhando para o fundo do Theatro.
(2) Olhando para o Tumulo de Mahamet.

Os raios, os trovões, o crime, e a morte
Furioso teu Pai desherda, e mata!
Hum Tyranno, que n'huma noite infausta
Encheo estes lugares espantosos
Dos horrores da guerra, e salpicando
De sangue o melhor Rei, que tinha a terra;
Governa sem direitos, nem remorsos!
Não, meu Pai, hoje no Alcorão sagrado
Eu vou jurar ás vossas grandes cinzas,
Que Olmira cobra o seu valor primeiro. (1)
Eu juro aborrecer eternamente
O deshumano, o pérfido Amurathes.
Se assim não fôr, o grande Deos desate
No meu peito do inferno as furias todas.
Porém chega Amurathes! Ceos, que sinto!
Nem sangue, nem razão, nem juramentos
Nos defendem de amor ás leis tyrannas!
Timida a natureza a voz esconde,
E o sangue meu correndo impetuoso
Dentro do peito vai buscar asylo!
A' sua vista só vacillo, e tremo!

SCENA III.

OSMIRA, AMURATHES.

AMUR.

O Primeiro mortal, o mais guerreiro,
Magnanimo, temido, e venturoso,

A

(1) Encaminha-se ao Altar, e põe as mãos no Alcorão.

A quem inclina o Fado a frente altiva ;
E que a fortuna traz ao lado atada ,
Eu , Osmira , que de huma só palavra
Vejo aos meus pés prostrados milhões d'homens,
E q̃ fui, des' que empunho o Sceptro Egypcio ,
Nunca mandado , e sempre obedecido ,
Intento agora , não o vir pedir-te ,
Mas dizer-te. . . .

OSM.

Dizer-me o que , infame ?
Que mais intentarás de mim , Tyranno ?
O grande Mahamet envolto em sangue
A teus indignos pés cahio rendido ,
E fallas inda á sua afflicta filha ?
A infeliz Celimene , que devia
Subir ao Throno paternal herdado ,
Fugio sem culpa do usurpado reino.
Só a acompanha em tanta desventura
Hum nobre amante , e intrepido guerreiro ,
Selim , que tantas vezes valeroso
Fez tremolar as Luas vencedoras
Nas fumantes campanhas da batalha.
Destes dous desgraçados , que fugindo
Em debil lenho pelos altos mares ,
Valentes affrontando a dura morte ,
Té destes , fraco , e barbaro Amurathes ,
Intentas derramar o nobre sangue ?
Tal he o teu valor , e a gloria tua ?

AMUR.

Treme , e vê dos meus olhos abrazados
Saltar o fogo prompto a consumir-te :

Ou-

Ouve-me, e obedece cegamente;
Vendo hum altar, e hum Mausoleo aberto,
Deves reconhecer minha vontade.
Escolhe pois; ou hymeneo ditoso
Vai sentar-te de teus avós no Throno;
Ou vai soffrer, que vil algoz lançando,
Terrivel mão ás tuas louras tranças,
Punhal agudo no teu peito crave.
Queres antes, banhada no teu sangue,
Ver sobre o teu culpado, e duro peito
Descarregar da morte o frio braço?
Deixares para sempre a luz do dia?
E quem te obriga a tanto, altiva Osmira?
Honra, e dever, dous nomes sem sentido,
Duas vagas palavras inventadas
Para enganar os ignorantes povos?
O sangue, que nas tuas veias pulsa,
Da mesma sorte alenta o Rei, e o pobre.
Queres então, que hum frivolo fantasma
Faça esconder ao seu terrivel nome
O brilhante caminho das grandezas,
A que as almas heroicas só aspirão?
Eu adorei-te; e chego a confessa-lo!
Mas se tu sacrificas Amurathes
A' lembrança d'hum sangue, que detesto...
Ah! reconhece em mim hum furioso,
Hum Rei desesperado, sem brandura,
Sem dó, sem compaixão, nem piedade;
Que mais ligeiro, do que da alta nuvem,
Caminha o raio abrazador da terra,
Rasga as tuas entranhas palpitantes,
E n'hum tumulo esconde o teu orgulho.

Não

Não vivirás, se para mim não vives.
Treme, Osmira, resolve, e depois falla.

OSM.

Nem a ti, nem a morte Osmira teme,
Que os monstros causão mais horror, que medo.
Só Deos, Mafoma, e as leis servir intento.
Tu conheces-me bem para saberes,
Que sou sobre a desgraça, e sobre a sorte:
D' huma alma grande os nobres sentimentos
Desprezão tudo, e só o crime temem.
Respondi já, a minha morte apressa.

AMUR.

Se a mesma Osmira de outrem descendesse...
Mas do sangue de seus avós o crime,
Junto a delictos taes, vingança pede.
D' hum soberbo capricho as leis veneras,
Venera, mas será, poucos instantes.

SCENA IV.

OSMIRA só

JUstos Ceos, se os humanos fracos peitos
Do amor, e da virtude as leis oppostas
Ao mesmo tempo combinar não pódem,
Para que desse tão vulgar Tyranno
Inflexivel fizeste a setta aguda?
Inspirai-me, e dizei-me o quanto posso,
Que o que devo fazer já me não basta.
E tu, objecto amavel dos tumultos,

Que

Que a minha alma combatem furiosos,
Tu, amado Amurathes, mal conheces
Da triste Osmira a desgraçada sorte.
Já aos Ceos prometti aborrecer-te;
Mas não posso já mais deixar de amar te.
Antes que cerre os meus cançados olhos,
Ao menos quero declarar-te a causa
Dos profundos abysmos, que me cercão,
E do terror, que sem cessar me assalta;
Então verás no meu afflicto peito,
Como o amor, co' o odio mais intenso,
Se combina em medonho ajuntamento.
Sim, Amurathes, a encontrar-te parto.
Vós, grande Deos, guiai-me os pés trementes...
Porém té onde, Osmira desgraçada,
Levar intentas os errantes passos?
Que fazes! Na presença de hum amante
Pertendes hir firmar a ordem funesta
De o deixar, de o perder eternamente.

SCENA V.

OSMIRA, AGAR.

AGAR.

O' Mafoma! ó vingança, o Deos eterno!
Que barbara ordem de escutar acabo!

OSM.

Falla, Agar, que razão a voz te prende

AGAR.

Triste, e infeliz executor eu venho,

D'hu-

D' huma ſentença, que eſta máo ſem culpa,
Não ſendo contra vós, cumprir devia.
Inda agora á lembrança do decreto,
A alma ſe eſpanta, o coração me treme,
E o vacillante pé mal ſe ſuſtenta.

OSM.

Ceos, que ſentença, acaba....

AGAR.

Que eu acabe!
Que quereis vós ouvir de mim, ſenhora?

OSM.

Depois de ter paſſado tantas penas;
Que mais reſtar-me poderá?

AGAR.

Senhora;
Não ſabeis, que a virtude não eſcapa
Livre da inveja aos golpes venenoſos?
Vós deveis...

OSM.

Que!... morrer?

AGAR.

Juſtos juizos
São do potente Deos; manda Amurâthes.
Mas não temais, que a minha máo cometta;
Hum tão infame crime; illeſo o peito,
Illeſo o coração por vós conſervo;
Primeiro afrontarei da crua morte
As horridas tormentas; vereis antes

Com impavido pé, ſereno roſto
Sub r Agar ao cadafalſo indigno;
Fallai; vereis o meu cançado braço
Prompto para perder os frios reſtos
De hum ſangue, que defende a innocencia;
Em quanto defender Olmira intenta.

OSM.

Agar ſem piedade raſga hum peito,
Que o Ceo creára para a deſventura:
Eu devo a quem me deo o ſangue, e a vida,
A meu Pai, offertar a vida, e o ſangue.

AGAR.

Deixai por ora tão mortaes ideas.
Que cauſa vos obriga a tal offerta,
Se ſem ſuſto podemos evita-la?
Penſaes ſer heroina em ceder frouxa,
Aos crimes de hum traidor, que vos ultraja?
Voſſa irmã, de Selim acompanhada,
Do Tyranno fugio a fronte iniqua;
Vós, que os Numes ornárão de virtudes
Tão raras, e tão nobres, dexarieis
Decepar huma tão amavel vida?
Ah! Senhora, primeiro de feridas
Atraveſſado, exſangue, e moribundo
Voſſos olhos veraõ meu mortal corpo.
Debalde o ſanto nome de innocente?...

OSM.

Innocente não ſou; eu ſou culpada.

AGAR.

Culpada vós, ſenhora!

OSM.

OSM.

Sim culpada.
E tu Miniſtro menos compaſſivo
Cumpre fiel as ordens de Amurathes;
Da ſuprema vontade dos Monarcas
Os arcanos ſondar já mais intentes.

AGAR.

Então.....

OSM.

Que! morro: quero morrer antes,
Se he vontade de Deos, ſe o Rei o manda.

AGAR.

Hum Rei Tyranno?

OSM.

Pois os Reis: tu julgas?

AGAR.

Não; mas o teu perigo a voz me anima.
Se ficas, vê primeiro, que crueldades...

OSM.

Tem por Oſmira menos piedade.
O que ſe deſcubriſſe mais terrivel
Seria para mim neſte momento
O mais doce á minha alma perturbada.
Pódes ferir, depreſſa crava o ferro.
Só te peço, que digas a Amurathes,
Que eu ſube ama-lo mais, que a mim meſma,
E que neſte momento tão medonho
Só Amurathes he o triſte objecto
Das ideas crueis, que me devorão.
Que a alta lembrança de meu Pai illuſtre,

A gloria da Nação, honra de Osmira,
E a desgraça da amavel Celimene,
Que tão grande impressão em mim fazião,
Gastados quasi vi, e sepultadas
Em negro esquecimento.

AGAR.

Então dizer-lhe....

OSM.

Onde vás? Nada, em quanto vivo, saibão,
Os que a minha fraqueza mal conhecem.
Estanque a fria morte os meus delictos,
Depois embora os reconheça o mundo.
Fallar não devo, e implorar não quero;
Nem temo a morte, que o fatal destino
Já mais voltar-me fez a frente altiva.
A ti, Agar, sómente pediria,
Que tivesses de mim menos piedade;
E aos Ceos, que sem crime conservassem,
Hum soberbo Tyranno, que eu adoro,
Inda, que elle sómente a causa seja,
De que os meus olhos cubra a noute eterna.

SCENA VI.

AMURATHES, OSMIRA.

AMUR.

INda, Osmira, outra vez fallar-te quero.

AGAR.

(1) Senhor, se os seus amantes sentimentos...

OSM.

(1) Agar falla assim unicamente por salvar Osmira, e não porque este seja o seu caracter.

O S M. (1)

Cruel, quem contra mim te anima tanto.

A G A R.

Pois deverá ficar desconhecida
Té mesmo supportar em paz a morte,
Huma paixão, que a ambos faz ditosos?

A M U R.

Em fim he certo!... vão, deixem-me todos;
Osmira só conheça o meu estado. (2)
Muito cruel, Osmira tu podeste
Sem susto ver luzir o ferro agudo,
E o teu peito off'recer á dura morte?
Filha altiva do Rei o mais altivo
Que furor da razão te priva o uso?
Teu igual não me julgas por ventura,
Eu, que depois de expedições famosas
Pela mão da victoria conduzido
Gozo o Throno, que meus avós tiverão?
Se me estimas Osmira, que te assusta,
Porque razão vacillas em dize-lo?
A minha alma tão fera, e tão altiva
Hoje depende pela vez primeira.
Huma paixão funesta se apodera,
(E pôde huma paixão vencer me tanto)
Do meu furor, do meu antigo orgulho.
E então Osmira quem calar te obriga?

O S M.

A sacrilega morte de hum Monarca,

E

(1) Baixo. (2) Sahem.

E o ſangue de que eſtá fumando á terra;
Náo te dizem baſtante claramente
A razáo porque devo aborrecer-te?

A M U R.

Eu tudo quanto fiz, fazer devia.
Mas tu mulher ſoberba á minha viſta
Ouſas-me confeſſar o teu deſpreſo,
Tu de quem ſó depende o meu deſtino,
Tu que eu amei... e que eu amo inda tanto?

O S M. (1)

Ceos valei me!

Senhor deixai, que eu parta
Para viver da Patria deſterrada.
Se tambem conheceis o meu eſtado,
Se ſabeis bem o meu dever funeſto,
Porque quereis que eu falle?

A M U R.

Que pertendes;
Ir viver em eſcuro eſquecimento?
Náo ſabes, que de Oſmira a companhia,
Mais grata me ſeria, que dos Thronos
Mais brilhantes da terra a poſſe inteira?

O S M.

Barbaro amante, deixa, ou deſpedaça
Os reſtos de huma caza deploravel,
Que a tua máo tornou em frias cinzas.
Jurei aos juſtos Ceos o aborrecer-te,
E ainda que o meſmo ſangue nos alenta;
Huma averſáo eterna nos ſepara.
Deixa-me pois daqui viver diſtante.

A M U R.

(1) Baixo.

AMUR.

Ingrata, parte, vai, mas para longe:
Mais te náo vejáo meus raivosos olhos;
Talvez custe á minha alma perturbada
Este horrivel momento a mesma vida;
Mas depois de hum repudio táo patente,
Que mais deve esperar meu triste peito.
Nem te assustes, que para perdoar-te,
Amei-te, e sou bastante generoso.
Mais venturosa vai tornar a sorte
De algum outro mortal, que te mereça;
Que tu choras! quanto és cruel Osmira!
Inda tens na minha alma tanta posse!
Inda ingrata......

OSM.

Hum nome táo injusto
Náo merece o meu peito desgraçado.
Senhor, sou infeliz, mas náo ingrata;
Eu parto porque os Ceos assim mandáráo;
Dos mesmos ao cuidado Osmira deixa
Na sua dôr vivendo solitaria.
Mas náo penses, q̃ algum outro homem deve..
Ah! se da minha máo dispôr podesse!
O horror, e a confusáo a voz me prendem,
Nem eu mesma conheço o meu estado.

SCE-

SCENA VII.

AMURATHES só.

OSmira parte, parte a bella Osmira!
O' fatal noite das desgraças minhas!
Empunhei furioso o ferro agudo,
A' minha voz terrivel succedêrão
De rôxo sangue rapidas correntes,
Nos quaes lancei despedaçados corpos
De tantos defensores da virtude.
Mas disto, que tirei, perder Osmira!
Eu fui o mesmo, que formei o plano;
Portas, guardas, Serralho, rendi tudo.
Fui o primeiro, que com pé sacrilego
Do Grão-Sultão entrei a regia Camera,
Arrastado por esta mão iniqua
No peito lhe enterrei o curvo alfange.
Traspassado de golpes, e feridas
Rolou ensanguentado sobre o leito,
E aos meus traidores pés cahiu tremente;
Porém que me restou de tantas culpas,
Para que commetti delictos tantos!
Remorsos, confusão, arrependimento
Vierão inundar meu peito afflicto.
O horror, e a desventura vão tecendo
Desde esse dia, meus medonhos dias.
Osmira só formava a minha esp'rança.
Osmira foge, então que mais me resta!
Furioso pelos crimes commettidos,
Com remorsos crueis desesperado,

Sem

Sem virtudes a novos crimes prompto
Vou eſconder na negra ſepultura
A funeſta união de horror tamanho.
Aborrecendo a luz, a noute, e o dia,
Parto a buſcar a morte nas fronteiras,
E meſmo blasfemar de hum Deos tyranno;
Se retardar o meu caſtigo juſto.
Parto a morrer ou ſoffocar de todo
O turbilhão horrendo de tormentos,
E de gritos crueis da natureza,
Que ſem ceſſar me fere, e deſpedaça.
Até que veja fuzilar das nuvens
O raio, que me eſmague, e que me opprima.

ACTO II.

O Theatro repreſenta huma Salla.

SCENA I.

AMURATHES aos Guardas.

IDe impedir, que Oſmira não ſe auſente.
Inda outra vez á minha viſta torne.

Hum dos Guardas.

Apreſſados cumprimos voſſas ordens.

AMURATHES só.

Que diráõ se se sabe, que Amurathes
He a fraquezas taes tambem sujeito!
Huma mulher mandar ao Sultáo mesmo!
Embora mande lá nos frios climas,
Que Europa chamáo, esse fragil sexo;
Entre nós, vís escravas, nossas ordens
Sem liberdade, e sem escolha sigáo.
Porém quanto ditoso eu náo seria,
Se a bella Osmira a escolher viesse
De todos os mortaes a mim sómente!

SCENA II.

AMURATHES, AGNOR.

AGN.

FAvoraveis os Numes, venturosos,
O' Principe, fazer teus dias querem.

AMUR.

Em que?

AGN.

Chegou ao Cayro Celimene.
Cuberta de bandeiras toda a armada,
Que vós, senhor, mandaste em seu alcance,
Já no rio lançou pezada amarra.
Selim porém escapa alguns momentos
Ao furor do castigo merecido.
Pois a náo em que vinha transportado
Levada d' huma horrivel tempestade
Se separou: mas já tardar náo póde.

AMUR.

AMUR.

Celimene entre, mas Selim chegando
Em aſperas prizões retido ſeja.

Sabe AGNOR.

Quantas vezes melhor, que a providencia,
Formar combinações pode o accazo.
Vem Celimene n'hum fatal momento
Pois, ou morre, ou Oſmira meſma leva
Pela mão aos Altares fumegantes.

SCENA III.

AMURATHES CELIMENE.

CELIM.

SEmpre mais vivamente repreſento
Os horrores daquella noite infauſta,
Em que eſta Capital cheia de ſangue
Provara nunca viſtos attentados.
Daqui meſma crivada de feridas
Deſceſte ó ſombra cara á gente morta;
E deſte então me cobre hum luto eterno.
Té li contava ſó ſerenos dias;
Mas em fim acabárão bens tamanhos,
E ſó me reſtão lagrimas, e pena. (1)
Mas ſoffrereis ó manes vingativos,
Que hum Tyranno cruel tranquillo paſſe
A molle vida no ultrajado Throno!

AMUR.

(1) Baixo.

AMUR.

Suffocai para ſempre inuteis queixas.
Voſſo Pai mais viver hum ſó momento
Náo podia ; no livro dos Deſtinos
Se encontra (1) dos mortaes contada a vida.
Ouve-me , e ſabe , qual dos teus furores ,
He o brando caſtigo , que te imponho.
Vive feliz c'o teu Selim amado ,
Os vaſtos campos da Judea , e Syria
Contentes governai : reſte-me o Egypto.
Mas dize , quem abrio por entre guardas
Aos teus tremulos pés caminho livre ?

CELIM.

Sem temor narrarei paſſadas magoas.
As tuas meſmas ordens cumprir quero ,
Que a tanto chega a minha deſventura.
No tempo, em que eſſe valeroſo Hamede
Eſtrangeiro funeſto á Chriſtáa gente ,
Valente commandava as noſſas armas ;
Selim ſeu digno filho hia alcançando
Tanta reputaçáo na Paleſtina ,

Que

(1) Tal he a idea , que os Muſulmanos fazem da predeſtinação ; Hiſt. da Vid. de Mafom. p. 134 elles eſtão perſuadidos , que ,, o deſtino de ,, cada hum eſtá eſcrito no Ceo , e que nin- ,, guem póde evitar a ſua boa , ou má fortu- ,, na . . . eſta opinião naſce do que Mafoma con- ,, tou , que vira no 3. Ceo . . . Narſipo , ou Tra- ,, ctiro he o nome que dão a eſte deſtino. ,,

Que a todo o custo pertendia vê-lo.
Vi, fallei-lhe; mas desde esse momento,
Momento para sempre memoravel,
Este joven gentil, e generoso
Da minha alma tomou inteira posse.
Mas tal ventura pouco tempo dura.
Exercitos Francezes devastavão
Barbaros as Cidades innocentes;
Da guerreira trombeta o som terrivel
Selim chama ás fronteiras dessoladas
Pela torrente de esquadrões armados.
E eu para mitigar de tal ausencia
A penetrante dôr, que me occupava,
Quiz viver, toda entregue á saudade,
Junto ás margens do Nilo caudeloso.
Alli vertendo lagrimas sentidas
Alivio procurava aos meus tormentos.
Poucos tempos passados inda tinha,
Quando . . . ó noite terrivel, e medonha!
Os olhos meus espavoridos virão,
Por entre a vaga luz, que fuzilava
De espaço a espaço por clarões medonhos,
A mim chegar-se de repente hum vulto:
Gelida a lingoa, hirtos os cabellos,
Immoto o pé, não sei porque, sentia.
Era Selim cheio de pó, e sangue;
Apenas me descobre, Celimene,
Diz elle, descontente, e perturbado,
De Amurathes ás mãos . . . Mahomet morre.

AMUR.

Do sangue derramado não intento

Des-

Desculpas dár ao inconstante povo;
Não julgues, Celimene, e continúa.

CELIM.

Assim dizendo, pára de repente,
E tempos antes, que a fallar voltasse,
Tristes, truncados ais só repetia.
Foge me diz depois, foge comigo;
De alguns fieis Vassallos precedida
Embarcar vamos, antes que Amurathes,
Activo, e vigilante nos encontre.
Eu quasi desmaiada estas palavras,
Entre tristes suspiros, mal ouvia.
N' hum desmanchado lenho á vella demos.
Antes, que o pezo da fugida gente,
Nos soçobrasse; sem arte, sem rumo
Sulcamos longos tempos vastos mares;
E quando já o fado da remota
Fortuna nos mostrava doces sombras,
Por entre as vagas ondas surgir vimos,
Os altos mastareos de mil Navios.
Logo pensámos, que erão Musulmanos
Antes que sobre nós o arpéo lançassem:
Em dous diversos vasos conduzirão
Celimene, e Selim asperamente.
Quaes as lagrimas fossem, qual o pranto
No da separação instante horrivel,
Basta, que o saiba o Ceo, que a alma o sinta
Nem exprimi-lo póde a voz humana.
Qualquer de nós temia ser mandado
Ao Reino triste onde não entra o dia.
Por huma tempestade separados,

So-

Solitarios vagamos muitos dias.
Só ao entrar no Nilo defcobrimos
Humas Náos, entre as quaes Selim não veio.
Saber d'Ofmira defejava agora . . .

AMUR.

He Ofmira de tantos dons a caufa.

CELIM.

Ceos! logo hum himineo fatal cumprido . . .

AMUR.

Inda não he; mas felo-ha bem cedo.
Ofmira chega; pede-lho, e manda-lho
Como premio das dadivas, que offreço.

CELIM.

Que dadivas são effas, que me offreces?
Subires do vil pó, em que nafcefte
Para unir-te de Ofmira ao regio fangue?
Cingir dec'rofamente hum Diadema,
Infame herança de traições funeftas?

AMUR.

Antes dos Reis os homens exiftírão;
A fortuna, e o valor formou os Sceptros.

CELIM.

Porém fó os conferva a sãa virtude.
E depois conftranger a tal Princeza? . . .
E por quem . . .

AMUR.

AMUR.

Quanto te enganou Osmira!
Em me ouvindo fallar sente no peito
Táo viva agitação, que de repente
Esquecendo as ideias de vingança,
E pondo em mim os olhos temerosos,
Diz-me no rosto, o que me nega a bocca;
Se viras, que suspiros, que tristezas...
E não seráõ de amor provas bastantes?

CELIM.

Basta Amurathes; hum momento deixa
Os horrores gozar do meu estado.

AMUR.

Osmira vejo já; escolher pódes,
Ou Throno, ou a prizão, e a sepultura.

SCENA IV.

CELIMENE, OSMIRA.

OSM.

OS meus olhos... ó Ceos! será possivel!
Princeza illustre, amada Celimene,
Que eu beije a tua regia mão permitte.
Mas donde vem, que vós estais calada!
Commetti por ventura algum delicto!
Eu! que banhada sempre em triste pranto,
E opprimida c'o pezo da desgraça,

Aos

Aos Ceos, aos juſtos Ceos em váo levanto,
Co' os olhos o ſemblante, e as máos piedoſas!

CELIM.

Tu choras: eu o ſei; mas tambem ſoube,
Que eſſas lagrimas sáo aſſás culpadas.

OSM.

O pranto, que vertendo eſtou, he pranto,
Que d' hum puro prazer origem teve.
Eu ſer culpada! meſmo eſtas paredes
Podem ſervir de vivos teſtemunhos
Sobre o meu triſte, e miſerando eſtado;
Depois daquella infauſta, e negra noite,
(Quem pudera riſcala de lembrança)
As minhas mágoas inda mais creſcêráo.
Vós o direis, ó tumulos illuſtres,
Vós, que de tantos Reis as claras cinzas
Ha tempos encerrais; vós que me viſtes
Expôr o brando peito ao duro alfange,
Prompto a cortar os meus acerbos dias.
Indo de deſventura em deſventura
Era-me a vida hum pezo inſopportavel.
No Mundo ſó reſtava Celimene,
Terna irmá, por quem tanto ſuſpirava!
Chegou em fim; (mas huma deſgraçada
A tudo deve ter aberto o peito)
Até por ella fui deſconhecida.
Sem cauſa a minha debil eſperança
De todo diſſipou: que mais me reſta?
Tirai-me juſtos Ceos a luz do dia,
Já que de todos ſou abandonada.

CELIM.

O cruel Amurathes não te adora,
E esse mesmo Tyranno não estimas?

OSM.

Estimo sim? então, culpa não tenho:
Hum crime involuntario não he crime;
De tal amor em vão fugir intento;
Estando só no fundo dos retiros,
Ou dentro do tumulto da Cidade,
Cada vez na minha alma transportada
Apparece mais nobre, e mais amavel.
Esse Amurathes, que esquecer não posso.
Porém isso o meu peito não abala,
Em quanto me alentar o regio sangue.
E se inda assim, cruel, me não desculpas,
Em duas rasga a desgraçada Osmira,
Castiga só a que Amurathes ama,
Mas não aquella aonde se conserva
A lembrança do nosso Pai augusto.

CELIM.

Agora sim, que já em ti descubro
Os reaes sentimentos, que me animão. (1)
Nobre filha do grande Mahamede,
A irmã me tornas, que perdido tinha;
E já sem pejo ao peito unir-te posso.

OSM.

O' Piedoso Deos, quanto sois justo

Da!

(1) Abração-se.

Da minha vida no mais trifte inftante,
Celimene me dais, efta Princeza,
Com quem confultar fó poderia
Do meu peito os fegredos efcondidos.

CELIM.

Pouca confolação comigo trago;
Como tu, defgraçada tenho fido,
Mil tormentos crueis tenho paffado.
Efte mefmo Palacio, que já fora,
Da sá virtude habitação ditofa,
Agora me enche fó de horror, e pejo.
Qualquer deftas columnas reprefenta
Mil lembranças do noffo bello tempo,
Que tudo tranftornou a mão do crime.
Que faudades minha alma não combatem!
As lagrimas conter em vão pertendo:
Quando, Ofmira, de véras confidero,
Que fou efcrava aonde fui Princeza.
Quando... porém calar ferá precifo,
Affligir temo o teu fenfivel peito.

OSM.

De que te affuftas? Falla, que as defgraças
Divididas menor effeito causão.

CELIM.

Se for teu coração conftante, e firme,
Contente bufcarei eu mefma a morte,
Com que hoje o Tyranno me ameaça,
Se a mão d'Efpofa dar-lhe não quizeres.

 OSM.

OSM.

Que fatal collisão no peito ſinto !
Ah ! Celimene quantas deſventuras ,
O meu preſago peito vaticina !

SCENA V.

OSMIRA , CELIMENE , AGAR.

AGAR.

A Vós meſmas , Princezas , eu procuro ;
Vamos mudar a face deſte Imperio ;
Porém deveis guardar ſegredo eterno.
Pelà porta , que a Ali em guarda coube
Selim no Cayro entrou ſem ſer ſentido.
De Catholicos fortes Cavalleiros
Eſquadra numeroſa o acompanha ,
Neſte meſmo Serralho eſtá occulto.
A mão mettamos té ó cotovelo
No criminoſo ſangue do Tyranno :
Ardão ſuas entranhas revoltoſas :
Fumem as praças , fumem as campanhas ,
E os ſeus membros por miſero ludibrio
Raſgados jazão pelos vagos campos.
Governe a noſſa herdeira , Celimene.
Recobremos a auguſta liberdade ,
Eſſe divino dom , que os Ceos nos derão ,
Que as Republicas ſempre perturbarão ,
Que os Reis juſtos ſómente ſoſter pódem ,
E que os Deſpotas nunca conhecêrão.

Quan-

Quando dos noſſos Reis inda ha vergonteas
O Throno occuparáõ uſurpadores?
Selim terminará tanta deſgraça.

CELIM.

Porém primeiro poderei fallar-lhe?

AGAR.

Elle o meſmo deſejo manifeſta;
Mas teme o declarar-ſe, e não intenta,
Sem morrer Amurathes, deſcubrir-ſe.

OSM.

Mas primeiro raſgai meu triſte peito.
Que eu fria veja a morte de Amurathes!
He para mim difficil tal empenho.

CELIM.

Sim parte, vai, depreſſa deſcobrir-nos.
Irmã ingrata, filha fementida,
Contra mim ſó as tuas iras volta.
Porém a vida d' hum conſorte caro....

OSM.

Celimene reſpeita o triſte eſtado,
Em que vês os meus dias mergulhados.
Tem piedade da minha dôr immenſa.
E tu, barbaro Agar, não poderias
Vir dar noticias taes de mim diſtante?
De Celimene a vida expôr não devo.
Mas poderei?.. ó Deos, que me conheces!..

AGAR.

AGAR.

Filha de Mahamede, assim nos fallas?
Não escutas teu Pai envolto em sangue
Clamar da sepultura alta vingança?
Compete a Celimene o Throno herdado:
Então queres roubar-lhe os seus direitos
Priva-la de hum Imperio, e de hum Consorte?
Será este o caminho da virtude?

OSM.

A' virtude o amor embora ceda.
Porém primeiro morra a triste Osmira.
Aborreço huma vida tão funesta.
A morte doce fim dos desgraçados
Terminar venha as minhas desventuras.

SCENA VI.

AMURATHES, CELIMENE, OSMIRA.

AMUR.

O' Lá, guardas, levai prezo o rebelde;
Já se sabe, que estranha gente entrára,
Por que parte não sei, nesta Cidade.
Com Agar conversárão: no Serralho,
Mesmo, ainda talvez algum se occulte.
Mas Osmira confusa! Celimene,
Pallida, e perturbada os olhos baixa! (1)
Que

(1) Para Osmira.

Que pertendia Agar, de que fallava,
Esse olhar taciturno que denota?

O S M.

Senhor, deixai-me em tão funesto instante.
Cuidai, que a tempestade está pendente.

C E L I M.

Ah! Osmira!

A M U R.

Que escuto!

O S M.

Eu que disse!
Que turbação tomou os meus sentidos!
Dividida entre amor, e a natureza,
Conservo apenas da palavra o uso.

A M U R.

De quem devo temer, Osmira falla?

O S M.

Eu temo por entrar estranha gente.
Se o desgraçado Agar aqui achaste,
Admirar-te não deves: eu sabendo,
Que forão conduzidas cem Donzellas,
Das miseras prizões, em que jazião,
Trata-las, conversa-las pertendia;
Por isso consultei Agar primeiro,
Pois ignorava, se era contra os usos,
Que devem no Serralho ser sagrados.
Huma ternura, que explicar não posso,
Pela gente Christã meu peito sente.

AMUR.

AMUR.

E donde herdaſte tu eſſa ternura,
Que os aſcendentes teus nunca tiverão?
Princezas taes não mentem, nem aprendem
As almas grandes a encobrir cabalas.
Eſcravas vís, a quem a morte eſpera! . . .
Não, Oſmira, declara-te, e não temas.

OSM.

Morte! e para deſgraça tal vierão!
Chriſtãos inf'lices, geração meſquinha,
Para quem neſte Reino deteſtavel
Acabárão as leis da humanidade.

AMUR.

Deixemo-nos em fim de vãos diſcurſos.
Celimene obtiveſte o que eu mandára?

CELIM.

Oſmira o ſabe.

OSM.

Já, cruel, entendo.
Queres de mim hum hymeneo injuſto,
Que teria por baſe a violenta
Morte de hum Pai, que contra mim clamando,
Lá da profundidade tenebroſa
Do abyſmo infernal vingança pede.
Eſte cruel alfange, que tem ſido
Inſtrumento fatal de tantas mortes,
Da triſte Oſmira raſgue o debil peito.
Porém não tardes, raſga em quanto he tempo:
Que

Que o mesmo chão, que pizas, as paredes,
A leve viração do brando vento,
Os amigos, os crimes commettidos,
Tudo exige de ti cruel vingança.
Tudo em fim deve de terror gelar-te:
De tudo treme, treme de ti mesmo.

AMUR.

E tu, Osmira, treme de perder-te;
Que o mesmo amor em furias se transforma.
Basta, tenho entendido, Celimene. (1)

CELIM.

Eu temo, Osmira, a morte do Consorte.
Que faremos, sendo elle descuberto!
A vingança, e o valor nos acompanhe,
Morramos, ou vivamos Heroinas.

ACTO

(1) Parte.

ACTO III.

SCENA I.

AMURATHES, e logo AGNOR.

AMUR.

Que o vil traidor fallava a estrangeiros;
Eu ouvi: vi tambem, que Celimene
Enfurecidos olhos com receio
Em Osmira de quando em quando punha.
Esta já compassiva, já furiosa,
Me pareceo: quem sabe se segredo
Occulto contra mim entre elles corre.

Entrando, AGN.

Hamet, estando á morte, quer dizer-te
Negocios importantes ao Imperio,
Na presença de Osmira, e Celimene.

AMUR.

Dize los venha. Mais hum pouco ouçamos.
Hum renegado vil, que origem teve
Lá nos frios paizes de Alemanha;
Inda augmentar virá minhas desgraças!
O coração presago desconfia,
De que não sei, em tão medonho dia.

Em

Em vão buſca o eſpirito agitado
Remorſos ſuffocar, achar ſocego.

SCENA II.

'AMUR., OSM., CELIM., AGNOR, HAMET ſuſtentado por dous guardas.

HAMET.

NEſte cruel momento eſcutem todos,
O que diz da verdade a voz terrivel.
Em mim veráõ de crimes, e remorſos
Hum horrendo, e funeſto ajuntamento.
Primeiro fui Chriſtão, depois fui Turco;
Mas outra vez aquelle doce nome
Para ſempre no peito eſcrito tenho.
Vós, Oſmira, não ſois; mais ſois Herminia;
Naſceſte irmã do grande Godofredo,
A quem eu vos roubei de tenra idade.

HERM.

Que eſtranha confusão dentro em mim ſinto.
Não ſei ſe ſou feliz, ſe deſditoſa!

HAMET.

Soffrei, Herminia, a eſtranheza voſſa:
Eſtes inſtantes são aſſaz precioſos.
Deixai-me referir os meus delictos,
Que são menos crueis, que os meus remorſos.
A vingança, e o metal inanimado,
Eſſe Deos inteiro arbitro da terra,

Vil filho dos infernos, Pai dos crimes,
Vos tiraráo ao Throno, ao Rei, á Patria,
E á Religiáo, alto fundamento
Dos vinculos ſagrados entre os homens.
Eu ſó ſou cauſa de deſgraças tantas;
Porém desfallecido, e moribundo,
Que mais farei, do que perdáo pedir vos,
Sendo o perdáo das culpas hum preceito
Daquella lei que vós no ſangue herdaſte.

O S M.

Mas por que cauſa fui do Sultáo filha
Neſte meſmo Palacio reputada?

H A M E T.

Era Selim herdeiro deſte Imperio:
Huma Sultana Mãi de Celimene,
Para que eſta ſubiſſe ao Egypcio Throno,
Do Serralho o deſterra; e não fiando
Táo ſubido ſegredo dos Vaſſallos,
Em mim buſcou ao crime certo aſylo.
E vós, que minha filha reputaváo,
Foſtes como refens de tal entrega.

C E L I M.

Selim he meu irmáo, e meu eſpoſo.
Ceos, que execrando crime commettemos!

A M U R.

Agnor partamos: fóra do Serralho
Náo ſe ſaiba de Hamet a ultima falla.
Selim, a quem o povo eſtima tanto

Ser

Ser ſenhor do uſurpado Diadema !
Fechem-ſe as portas , tudo ſe examine ,
Nem a hum ſó ſuſpeito a vida fique.

SCENA III.

HERMINIA , CELIMENE , HAMET.

HERM.

ENtão poſſo paſſar alegremente
Com Amurathes ſocegada vida ;
Aos olhos meus deixou de ſer culpado ,
He antes hum amante enternecido.
Pelos Manes jurei d' hum Pai ſuppoſto ;
Já não ſou obrigada Celimene
A guardar a palavra , e o juramento.

CELIM.

E Amurathes deixou de ſer Tyranno ?
Depois hum nobre Heroe , que affronta a morte
Por livrar hum povo miſerando ,
E que nas tuas mãos depoſitára
Os ſegredos do mais ſublime preço
Deve por ti ficar abandonado ?

HERM.

Selim ha de viver ; ſe elle morreſſe ,
Crê-me , tambem Herminia não vivia.
Vou unir meu deſtino ao de Amurathes . . .

HAMET.

Que pertendeis ? Viver com Amurathes ?

Apar-

Apartai-vos, ſenhora, deſta terra
Habitação do crime, e da deſgraça.
Santa Religião fugir vos manda.

HERM.

Huma Religião, que não conheço,
Fugir me manda do que mais eſtimo?
Só a Fé dos Chriſtãos ſerá perfeita?
Por noſſos Pais he ella em nós impreſſa;
Do Turco o filho quaſi (1) ſempre he Turco,
O que entre Chriſtãos naſce, Chriſtão fica.
Eu reſpeito, e venero a lei ſublime,
Que d'entre tantos povos tão diverſos
Forma huma ſó Nação de irmãos perfeitos.
Mas ſe eu viver honeſta, e ſantamente
Na Muſulmana lei, que ora profeſſo
Com que juſtiça devo ſer punida?
Por ventura commetto algum delicto,
Se Deos me fez naſcer em Turcas terras?
Devo acaſo ſoffrer terriveis penas
Sem me reconhecer já mais culpada?
Não, Amurathes eſquecer não poſſo.

HAMET.

Tão triſtes pertendeis tornar, ſenhora,

Da

(1) O quaſi he abſolutamente neceſſario, pois elle exclue todo, e qualquer homem em toda a Religião, que tiver verdadeiro ardor de amar a Deos. O Ente dos Entes não falta com os ſeus auxilios, e baſta o baptiſmo do deſejo. Eſte ſoſiſma he muito antigo, e já foi poſto, ao Apoſtolo do Oriente, que deo a dita reſpoſta.

Da minha vida os ultimos alentos?
Ha huma só Religião, que seja
Exacta, verdad ira, e sacrosanta;
Preparai vos primeiro nos preceitos,
Que ensina a santa lei, sereis ditosa.
A vosso augusto irmão por fim dizei lhe,
Que Christão morre o Duque dos Normandos.
Esta noticia só mais estimados
Tornará seus triunfos venturosos. (1)
A vós, Princeza illustre, digna filha
Do grande Mahamet sómente peço,
Que digais a Selim Principe infausto,
Que estas ultimas lagrimas, que verto,
Verto-as sómente por lembrança sua.
Que eu o homem mais malvado do Universo
Na campanha o criei para o Reinado,
Que para isso arriscára a propria vida,
Veria o sangue meu saltar das veias,
Mas o tempo faltou a empreza tanta.

SCENA IV.

HERMINIA, CELIMENE, SELIM, HAMET.

SELIM.

Os vacillantes pés onde encaminho!
Debaixo desta magestosa abobeda
O coração me bate mais ligeiro.
Ceos!

(1) Para Celimene.

Ceos! que horror vem prender os meus ſentidos!
Onde me trouxe o meu fatal deſtino!
Expirando meu Pai! meu Pai ao menos
Ao voſſo peito uni o triſte filho,
Que os olhos vem cerrar d' hum Pai tão caro.

HAMET.

Ah! meu Selim! perdôa tantos crimes,
A lembrança ſepulta de hum Tyranno,
Que perturbou os teus mais bellos dias.

SELIM.

Conhecei-me, ſenhor, ſou inda o meſmo;
Por vós antigamente tão amado,
Inf'liz, que vim fechar os voſſos olhos,
Eſcutar voſſos ultimos gemidos.

HERM.

Hamet teu Pai não era: Celimene,
Te dirá, o que ha pouco tempo ouvimos.
Quero porém ouvir a lei Catholica,
Para ſaber ſe o amor, e ſe a virtude
Ao meſmo tempo combinar-ſe pódem.

SCENA V.

SELIM, CELIMENE.

SELIM.

Em quantas confusões eſtou envolto!
Amada Celimene, põe tu termo....
Mas tambem tu confuſa, e perturbada!

CELIM.

Desgraçado Selim, melhor nos fora,
Acabar entre tantas desventuras:
Os grandes crimes tem castigos grandes.

SELIM.

Nós commettermos crimes! nós, senhora!
Se já por tantas vezes mil perigos
Sem susto, nem terror tenho affrontado,
O meu dever formava só meus votos:
Celimene, nós somos innocentes.
Se eu o não fora... crê que enterraria
Primeiro no meu peito agudo ferro,
Que divisar no teu gésto sobrano
Leves sombras de irados pensamentos.

CELIM.

O vosso braço, e o vosso heroico peito
Vos tem já claramente annunciado
Ser da mais nobre, e mais sublime origem.
Sangue illustre do grande Mahamede,
Quem poderá deixar de conhecer-vos!

SELIM.

Hamet meu pai não era! e Mahamede...

CELIM.

Assassinado declarar não pôde,
O que Hamet expirando descobrira

SELIM.

He verdade!...

CELIM.

Mais dúvidas não reſtão;
Em tenra idade do Serralho foſte...

SELIM.

Logo...

CELIM.

Logo; do meſmo pai naſcemos.
E inda conſente o Ceo que reſpiremos!

SELIM.

E eſtamos eternamente ſeparados!

CELIM. (1)

Caro Selim, he eſta a vez extrema,
Que impuro amor os noſſos peitos une:
Sim: ſeparados para ſempre eſtamos,
Té que o Deos vingador envie o raio,
Que das nuvens ardentes fuzilando
Puna em nós tantos, e tão torpes crimes.

SELIM.

Que terriveis lembranças, que ſucceſſos
Diſtante de mim meſmo me arrebatão!
Mas não, ſe nós, ſenhora, o não ſoubermos,
Se a natureza pura, e ſempre a meſma
Nos eſcondeo o noſſo triſte eſtado
Para com Deos ſeremos innocentes.

CELIM.

Inda mais reſtão outras grandes couſas:

Eſ-

(1) Abraçando-o.

Eſte dia parece foi marcado
Para conter revoluções eſtranhas.
De Mahomet Oſmira não he filha;
Entre gente Chriſtã origem teve,
E a Amurathes ama ternamente.
Sabe de tua vinda, e teus projectos,
Sabe tambem, que eſquadrões armados
Entrárão....

SELIM.

Quem lhe diſſe taes ſegredos?

CELIM.

O triſte Agar fallando ſem ſuſpeita.
Fujamos pois, ſenhor; por toda a parte
Se examino o Serralho com cuidado.
Que eſperamos, ſe agora não fugimos,
Quem poderá livrar-nos?

SELIM.

Eu; e ainda
Meſmo morrendo alguem nos vingaria.
Godofredo guerreiro formidavel
Em pouco tempo chegará ao Cayro.

CELIM.

Que! tambem eſſe barbaro Tyranno
Quer dominar o deſgraçado Egypto?
Mas onde te fez elle tal promeſſa?

SELIM.

Depois daquella grande tempeſtade

Da vista nos fugio a armada inteira.
O terror, que primeiro os impedira
A lançar-me nas mãos grilhões pezados
Da sua ruina foi a triste origem.
Lancei rapidamente mão das armas
Em hum momento quasi sem combate
Os Sectarios do crime o mar provarão.
Foi a Jerusalem a Não levada.
Que ditosa união alli reinava!
Os grandes lá as distinções só querem,
Que nos nobres inspira a ardua virtude.
Humanos sempre, nunca vingativos
Ouvem doceis no Templo a Lei sagrada.
A Deosa da verdade só domina
Na boca do Rei sabio, e valeroso,
Rei, que he de todos Pai, irmão de todos.
Em fim para que mais dizer-te agora;
Achei taes os Christãos, que, se os trataras,
Preza como eu fiquei, tambem ficáras.
De lá tropa de fortes cavalleiros
Me acompanhou: fingidos Musulmanos,
Desconhecidos vagão na Cidade.

SCENA VI.

HERM. SELIM. CELIM.

HERM. para SELIM.

POrque vos demorais? Fugi comigo;
Apressemos em quanto he tempo os passos;
Por huma estreita porta vos conduzo

Da

Da qual ſahir podeis ſem ſer ſentido.
Depreſſa que Amurathes cauteloſo
Eſte Serralho com cuidado indaga:
Porém não fomenteis traições infames.
Longe de peitos nobres tal vileza.
Fique a Deos o poder mudar os Sceptros.

SELIM.

Celimene deixar, e para ſempre...

HERM.

Queres antes morrer publicamente
Expoſto aos gritos de hum ligeiro povo?

SELIM.

Sim morrerei, pois antes morrer quero
Junto de Celimene, ſatisfeito...

CELIM.

Selim conheço em ti huma alma nobre.
Ser-me-hião gratas as ternuras tuas,
Se em outro tempo foſſem; mas agora
Fazem contrario effeito; ide, deixai me.

SELIM.

Sem ti, ſenhora, tudo me aborrece,
Só tu me és grata, nada mais eſtimo.

HERM.

Parece-me que eſcuto os inſtrumentos
Da vinda do Sultão annunciadores:
Não foi engano; mas tardar não póde.

SELIM.

Partirei; mas exposta Celimene...

CELIM.

Porque me atravessais o triste peito?
Queres perder-nos ambos, quando pódes
Ambos salvar-nos? Queres imprudente
Perder hum Throno, quando nada arriscas?
Queres em fim cruel, sem piedade,
Cortar da minha triste vida os fios?
Barbaro Irmão!

SELIM.

Senhora, já me ausento.
Tu amavel Herminia, tem piedade
De huma triste Princeza sem arrimo,
Sem pai, e sem irmãos, entre traidores.

SCENA VII.

CELIMENE só.

JUstos Ceos! Se tão grande desventura
Havia ser da minha vida herança,
Para que me infundiste tal ternura!
Mas ficar deve sem castigo hum monstro,
Que apôz si conduzindo o crime, e a morte
Intenta devastar a terra inteira!
As vitorias que o mundo estima tanto,
Não são acções, que o Ceo reputa crimes!
Mas se for tão feliz hum criminoso,
Quem seguirá o impulso da virtude?

SCE-

SCENA VIII.

HERMINIA, CELIMENE.

CELIM.

DIze-me, Herminia, em fim Selim he ſalvo?
Podemos eſperar ver Amurathes
Banhando a terra em ſangue...

HERM.

Que proferes!
Ai de mim, que fizeſte, incauta Herminia!
Amurathes não deve perdôar-me
Huma traição, que agora reconheço.

CELIM.

Não temas, ſerás inda mais ditoſa.

HERM.

Amurathes, amavel Amurathes,
Chegou em fim o deſgraçado inſtante.
Selim entre rebeldes numeroſos,
Vai decepar o curſo venturoſo
Dos teus dias, que eu tanto venerava.
Herminia eſſa mulher ingrata, e barbara,
Que te devia tanta recompenſa,
Nas ſuas mãos metteo o mortal raio.
Que lembrança me agita de repente,
Hum horrendo furor me raſga o peito.
Té me parece eſtar ao golpe vendo

Vôar

Vôar da morte as ſombras pavoroſas.
Ah! Amurathes, eſcapar não pódes,
Tu vás morrer... mas eu ſerei primeiro
A victima dos meus fataes tranſportes.
Comtigo deſcerei á ſepultura....

CELIM.

Onde te arraſta a tua dôr profunda?
Illuſtre Herminia, quanto mal conheces
De hum Tyranno o reinado deſditoſo!
Se no Throno Selim as leis dictaſſe,
Em paz ſerena alegre paſſarias
Tranquillos dias, que dos Ceos deſceſſem.
Então verias as grandezas dadas
Pela rigida mão do mercimento
Da difficil virtude nobre filho,
Sempre invejado, e ſempre perſeguido.
Mas quando hum Rei Tyranno o Sceptro rege;
O Vaſſallo cavada a ſepultura
Apôz de ſi a cada inſtante encontra.
A ſoberba, o metal louro, e o capricho
Dirigindo as vontades dos Magnates
Da virtude deſterrão a conducta.
Meſmo tu, ſe ſubindo ao regio Throno
Penſares livre ſer de taes inſultos
Enſanguentada tropa de traidores
Te dará o funeſto deſengano.
Herminia, ceſſa de affligir-te, e deixa,
Punir os crimes, caſtigar Tyrannos.

HERM.

Indigna ſou de ver hum tal reinado.

Quan-

Quando Selim á testa dos rebeldes
O Throno ensanguentar com feias mortes
Commetterá d' hum golpe só dous crimes.
Morrerei, se morrer o meu Monarca.

CELIM.

Táo impio não será hum peito grato.
A Gratidão dirige o Heroismo,
Ella fórma a nobreza verdadeira;
Se salvaste Selim, salva Amurathes.
Quero fazer ditoso o teu destino.
Os vastos campos da Judea, e Syria
A minha herança sejão: de Amurathes;
Sei que he esta a vontade, se quizeres
Para Consorte a mão hoje offertar-lhe.

HERM.

O' Ceos! quanto ditosa não seria!

CELIM.

D' hoje adiante Rei seja o Tyranno.
O' caro Pai! O sangue se revolta.
A natureza contra mim se agita.
Em fim, Herminia, á gratidão me dobro:
Acabem d' huma vez tantas desgraças.

ACTO

ACTO IV.

SCENA I.

AMURATHES, SELIM prezo com cadeias. (1)

AMUR.

ATrevido Selim, que pertendias
A' frente de ſoldados eſtrangeiros
Neſte Serralho entrando occultamente ?

SELIM.

Vingar meu Pai, punir os teus delictos.

AMUR.

Pois neſte ſitio meſmo, que eſcolheſtes
Para theatro das deſgraças minhas
Terás occulta morte ; ſe eſperavas
C'o a viſta ſublevar o rude povo,
Pódes em fim perder eſſa eſperança :
Diligente, e ſagaz combino ao longe.

SELIM.

Nas campanhas calquei montões de mortos ;
Nem a viſta da morte pavoroſa
Já mais me fez atraz voltar o roſto.

Tu-

(1) Cativos companheiros de Selim, ſoldados armados da parte de Amurathes.

Tudo desprezo, nada me intimida,
Que o medo só aterra as almas baixas.
A vida arrisquei já bastantes vezes
Por defender o Rei, e a amada Patria,
Sem de premios formar alguma esp'rança.
Intentava salvar o mis'ro povo,
Mas Deos não quiz, não quiz servir-me a sorte.
E pensas, que temo, que me ultrajas?

AMUR.

As confusões entendo já de Herminia,
E o pallido terror de Celimene,
Mas punida será do seu delicto.

SELIM.

O' destino cruel! ó duro fado!
Barbaro monstro derramar intentas
O melhor sangue, que possue a terra?
Puro resto do grande Mahamede.
Infeliz Celimene... ah! que recordo!
Os meus sentidos se perturbão todos,
E os tremulos joelhos se me abatem.

AMUR.

Tambem lagrimas brandas, molle pranto;
De tão bravo, e intrepido guerreiro
As faces molha?

SELIM.

Triste Celimene,
Porque em paz a serena luz do dia,
Os justos Ceos gozar te não permittem?
Eu subo pezaroso, e descontente,

Pa-

Para chorar nos campos venturosos ; (1)
E tu não ficas para envenenares
De hum tal Tyranno os criminosos dias!

SCENA II.

HERM., CELIM., AMUR., SELIM.

CELIM.

AH! Herminia infiel, que me enganaste!
Selim, meu caro irmão, hum mesmo instante
Nos cobrirá co' o denso véo da morte.
Amurathes infame descarrega
Sem susto sobre mim o duro golpe.
E tu, mulher perversa, em paz segura
Goza dos teus delictos feios, que inda . . :

HERM.

Suspende os teus furores indiscretos.
Amurathes eu sou tambem culpada:
Eu mesma pertendia liberta-lo
Sem attender ao teu p'rigoso estado.
Se fóra do Serralho o encontrárão
Foi da sua desgraça o triste effeito.
Eu já soffri assáz os seus revezes,
E hum peito das tristezas opprimido

Sem-

(1) A lei Musulmana promette na outra vida jardins, pomares de fructas com rios amenos, &c. Por tanto o nome de campo não tem nada de Pagão.

Sempre por infelices se enternece.
Hoje mesmo off'receste a Celimene,
Se obtivesses de mim a mão d'Esposa,
Da Syria, e da Judea os largos campos.
Obteve-a: se inda pois a triste Herminia
De ti merece alguma piedade,
Se inda Amurath és, esse nobre amante,
Me não despreza pelos meus descuidos,
Se esta mão... a promessa, que fizeste,
Cumpre: bem vejo, que he sobejo preço
A merito tão curto como Herminia;
Porém de tal Monarca o nobre peito,
He generoso assaz, e não intenta
As grandezas medir dos seus favores.

CELIM.

Que grande coração, que amavel alma!

SELIM.

Essa piedade julgo abominavel.
Não peço a liberdade, nem a vida,
Nasci para mandar, pedir não quero.

AMUR.

Como Herminia pedio, estás liberto.
Com soberbos tambem sou compassivo:
Se as dadas armas contra nós voltares,
O Mundo contará mais hum ingrato:
Entretanto eu te deixo em paz segura:
Pois Throno, Reino, e vida nada valem,
Se ao meu lado não vive a bella Herminia.
Por ella a paz entrar no Cayro vemos,
Por ella somos todos venturosos...

SCE-

SCENA III.

HERMINIA, AMURATHES, AGNOR.

AGN.

SEnhor, acode, tudo eſtá perdido.

AMUR.

Celimene, e Selim daqui ſe apartem.

SELIM.

Que caſtigos os juſtos Ceos preparão
Neſte horrido Paiz, onde os meus olhos
Virão a luz do dia a vez primeira?

AGN.

Ve-ſe o mar de Navios coalhado,
Que já tomão do Nilo as ſete bocas.
Tintas da pavoroſa côr do ſangue
As bandeiras declarão fatal guerra;
Eſquadrões numeroſos junto aos muros
A funeſtos eſtragos nos preparão.
Em trinta dias eſſe Heroe da guerra
Noſſos ſoldados eſpalhou vencidos.
Tudo rendeo, não temos Praça alguma,
Em fim já toca da Cidade as portas.
N'hum pégo de infortunios mergulhado,
O povo em vão em torno dos Altares
Se amontôa proſtrado, e reverente.
Senhor, ſalvai-nos, de tamanhos males.

AMUR.

A M U R.

Pois não ficou da tropa valerosa
Dos Mamelucos resto algum, que possa...

A G N.

Só nos restárão miseras reliquias
Desse soberbo, e táo temido corpo;
E apenas de Bulhão o nome escutão,
Das vacillantes mãos lhe cahem as armas.

A M U R.

Morramos se he preciso, mas vingados.
Talvez, que inda a fortuna favoravel...

A G N.

Abandonai por ora pensamentos,
Que poderáõ firmar nossa ruina.
De docil paz escolhe os brandos meios;
Capitão magestoso, levantando
Hum ramo de Oliveira, a nós se mostra,
Dizendo, que fallar-vos pertendia.
Salvai a vida a tantos innocentes.

A M U R.

Entre; e serei tão desgraçado ainda,
Que as leis hum vil Christão dictar-me venha!

SCE-

SCENA IV.

AMURATHES, HERMINIA.

AMUR.

HErminia, quanto ſomos deſditoſos!
Tocavamos apenas o momento,
Em que acabavão tantos infortunios,
Quando a tranquillidade venturoſa,
E a paz ſerena vem arrebatar-nos
Succeſſo tão eſtranho! mas no meio
Das deſgraças não hei de abandonar-te;
Junto de ti acabarei contente.

HERM.

Eu confeſſo, ſenhor, Bulhão eſtimo.
Hum irmão, que Nações tantas reſpeitão,
E os meſmos povos barbaros venerão.
Fallar-lhe ardentemente deſejava;
Mas de outra parte a voſſa morte temo.
Ah! Se elle ás minhas lagrimas cedeſſe!

SCENA V.

GODOFREDO, AMURATHES, HERM. AGNOR.

GODOF.

ORdem do General dos Chriſtãos trego,
A paz poſſo fimar, ou tambem guerra;
As

As venturosas armas suspendendo
Por hum fio delgado tem pendente
A fortuna de todos os Egypcios.
Os teus Reinos não quer: tranquillo rege
Tudo quanto té qui te tem ganhado.
Manda-te só pedir, que restituas,
A sua irmã, que fora em tenra idade
Roubada pelo Duque dos Normandos.

HERM.

Eu?

GODOF.

Pois sois vós?

HERM.

O mesmo Duque o disse,
Quando exhalava os ultimos alentos.
Novas provas depois se descobrirão
No Palacio de Hamet: nimguem duvída.

GODOF.

Santo Deos protector dos desgraçados
Em que odioso traje a irmã descubro! (1)
Então, senhor, que dizes, pensativo!

AMUR.

Não penso, não: Herminia não entrego.
E tu, audaz Christão pedes por base
De huma paz vergonhosa, e desprezivel
A entrega de Herminia, a mais amavel,

E Mais

(1) Para Amurathes.

Mais pura , e mais gentil d'entre as mulheres ?
Inda o meſmo valor meu braço anima.

GODOF.

Debalde intentas hoje defender-te :
Vás perder Throno , Reino , vida, e Herminia ,
Acceita a paz , e deixa o váo orgulho.

AMUR.

Quem és tu vil mortal , que ouſas propôr-me
Co' os teus conſelhos féras ameaças ?

GODOF.

Devo as ordens cumprir , que me sáo dadas.
Dada a reſpoſta , de reſpente parto.

AMUR.

Pois ſe Herminia quizer voltar comtigo
A's Patrias regióes , embora volte:
Mas ſe quizer ficar neſte Serralho
Náo podereis tolher-lhe a liberdade.

GODOF.

Náo ſe extendem a tanto as dadas ordens.
Godofredo mandou , iſſo he baſtante.
Corra agoa , ou ſangue o Nilo caudaloſo ,
A cinzas fique o Cayro reduzido ,
Ou fique como de antes grá Cidade ,
He o meſmo : a ſentença eſtá lavrada ,
E Herminia aos Chriſtáos ſerá levada.

AMUR.

Se coſtumáo nos Reinos eſtrangeiros

Reſ-

Reſpeitar Enviados ; não ſuccede
No Cayro o meſmo. (1)
Morra, que eu o mando.
Mas antes, que as ſoberbas mãos lhe cinjão
Merecidos grilhões, cauto o obſerva.

SCENA VI.

GODOFREDO, HERMINIA.

GODOF.

EM fim fallar-vos poſſo livremente,

HERM.

Ao vê-lo ſinto em mim tudo abalar-ſe.
O que ſinto não ſei, ſó ſei que ſinto
Eſtranha confusão, que não entendo.

GODOF.

Tendes alguma luz da Fé de Chriſto?

HERM.

Não: mas nella inſtruir-me deſejava.

GODOF.

E quereis dos Chriſtãos volvar ao campo?

HERM.

Sim: ver quero hum irmão, que enche d'eſpanto

(1) Baixo a Agnor.

Os mais celebres Póvos do Univerſo.
Mas depois . . .

GODOF.

Mas depois ! que intentavas ?

HERM.

Voltar para o Serralho deſejava.

GODOF.

Que palavras eſcuto ! que palavras
Turbar vierão meus tranquillos dias !
E que indignas prizões te tem ligado
A huma habitação tão injurioſa ?

HERM.

Amo . . . mas que furor em vós deſcubro !
Julgareis que iſto ſeja algum deliĉto !

GODOF.

Sim : era Amurathes eſſe objecto amado ?

HERM.

E hum puro hymeneo hoje uniria . . .

GODOF.

Baſta : de hymeneo tal romper os laços . . .
Santa Religião , que me illuminas
Suffoca o meu eſpirito agitado !

HERM.

Porque , ſenhor , eſtais tão furioſo ?

Não

Não ſei, que vos diviſo, que me atterra:
Talvez, que o meſmo irmão mais compaſſivo...

GODOF.

Não ſeria: zeloſo como eu meſmo
Pela honra voſſa ſeus dias cortavas.

HERM.

Qual he o voſſo nome, e a voſſa origem;
Vós que por mim moſtrais tanta ternura?

GODOF.

Só me foi concedido vir do campo,
Depois, que por ſolemne juramento
Encobrir prometti o meu eſtado.
Mas ſei de Godofredo os sãos coſtumes:
Sei, que o ver-vos em outra lei diverſa,
Deſprezando as pizadas ſempre puras
Dos Reis voſſos Auguſtos Aſcendentes,
Ser lhe-hia ainda mais intoleravel,
Que a meſma morte. Tudo conſpirava
Para tornar ſeus dias venturoſos,
Só huma irmã, em quem achar devia
A ternura maior, mais amizade
Duro punhal no coração lhe crava.
Eſcutai, e ouvireis, que eſtá clamando,
Neſtes meſmos lugares, que pizamos
A lembrança de Martyres illuſtres,
Que o voſſo nobre ſangue derramárão
Na Confiſsão da Fé; tambem ſoubeſtes,
Que nós viemos de diſtantes climas
Por venerar os campos ſacroſantos

Da nossa redempção seguras provas.
Hum sangue tal só vós manchais, perjura?

HERM.

Se o mesmo irmão eu vira, e lhe fallára;
Talvez, que cheia do respeito immenso,
Que por fama lhe tenho, apagaria
Huma chamma, que tanto me deslustra.
Mas, que sem elle ainda estimo tanto.

GODOF.

Pois se o mesmo irmão aqui vos visse,
E soubesse de amor tão detestavel...

HERM.

A dizêlo talvez não me atrevesse.

GODOF.

Mas vós depois o Cayro deixarieis.

HERM.

Deixaria.

GODOF.

A que provas vejo expostas
Da minha antiga fé os santos restos!
Amada irmã do triste Godofredo,
Se inda te he caro... sabe, que elle mesmo...
Mas que faz a minha alma arrebatada,
Vai quebrar o sagrado juramento!
Se o Ceo ordena, que me não declare,
De Deos as ordens pódem ser injustas!

HERM.

HERM.

Fallai, myſterios tantos declarai-me:
Vós me encheis de terror, e de alegria.

GODOF.

Amada Herminia, ſe hum irmão te lembra...

HERM.

Em fim eſcuto a voz da natureza,
Vejo dos meus occultos ſentimentos,
Qual tinha ſido a verdadeira origem!
Eu vos conheço, meu irmão amado:
E podeſte eſconder-me tanto tempo
A voſſa ſorte, e o voſſo grande nome?

GODOF.

A vingança celeſte embora ſolte
Sobre o meu peito o ſeu poder terrivel.
Eu deſobedeci, eſtou culpado...

HERM.

Pois he culpa o tirar-me deſte engano,
E á luz tornar-me, que perdido tinha?

GODOF.

Eu tomei huma lei aſſáz pezada
Para a poder ſuſter por tanto tempo.

HERM.

Mas para o campo, como tornaremos?
O ſagáz Amurathes deſconfia...

SCE-

SCENA VII.

HERMINIA, AMUR., GODOF., AGNOR.

AGN.

TRaidor, são conhecidos teus enganos;
Por elles manda o Grão-Sultão punir-te.
Deitem-se-lhe cadêas.

GODOF.

(Que desastre!)
Entre vós não se guardão os direitos
Sagrados entre os mais incultos povos?
Vós quebrantais infames a palavra,
Que devia formar vossa grandeza?
Quebrai embora, mas tremei, traidores:
Apenas se souber a minha sorte,
Nem hum só Musulmano á morte escapa.
Nem me assusta da morte a triste idêa;
Mais custão estes horridos momentos.
Para co' os meus iguaes tem seus encantos
Perder a vida, quando falta a honra.

AGN.

Os gostos do Sultão são leis sagradas,
Nas quaes deveis humilde resignar-vos;
Mais que simples prizão dar vos intenta;
Ordenou, que hoje em triste cadafalso
Terminem vossos perigosos dias.

HER-

HERM.

Que inſtante, que momento táo terrivel!
Deſeſperada tenho dos infernos
Todas as furias no raivoſo peito.
Amurathes infame, irei eu meſma
O coraçáo raſgar-te em mil pedaços.
Eſtas meſmas columnas ſalpicadas
De eſpadanas do teu indigno ſangue
Dos teus crimes ſeráó padrões eternos.
Tua alma deſcerá exaſperada
A receber caſtigos horroroſos
No lugar, onde jazem os traidores
Indignos, como tu, da luz do dia.
Se eſperavas paſſar impunemente
Por tantas culpas, por delictos tantos,
O juſto Deos, que náo perdôa o crime,
Eſſe Deos vingador arma o meu braço. (1)
Treme, Tyranno, e cahe aos duros golpes...

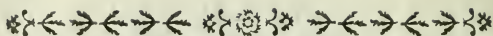
GODOF.

Para: que hum crime náo nos juſtifica
Para emprendermos outros com juſtiça.

AMUR.

O' lá, guardas, lançai ſem piedade
Duros grilhões ás máos daquella infame.
He Herminia, quem deſte modo falla!
Ambos experimentem dura morte,
He inda a tanta culpa pena branda.

ACTO

(1) Tira hum punhal, caminha para Amurathes, he retirada por Godofredo, que ficava entre elles.

ACTO V.

SCENA I.

AMURATHES, AGNOR.

AMUR.

AGnor, depreſſa vai: não te demores;
Herminia ſeja ſolta, apaixonada
Os paſſados inſultos não penſava.

AGN.

Sem ella ſocegado ſobre o Throno
Eſtarias: ás vezes compaſſivo
Herminia defendi, quando penſava,
Que a virtude ſómente conhecia.
Mas hoje, vendo culpas tão atroces,
A compaixão deixei: recto Miniſtro
Tuas ordens cumpri em pouco tempo.
Póde ſer, que ambos já tenhão expiado
Com a morte os delictos commettidos.

AMUR.

Ah! que fizeſte! a deſgraçada Herminia
Que crimes commetteo? Infame, falla.
Querias acabar meus triſtes dias,
Sabías, que viver não poderia

Sem

Sem Herminia, e cruel rasgas hum peito,
Onde encerrado estava o meu destino?

AGN.

O seu furor desculpa as ordens tuas;
E eu sómente cumpri-las intentava.

AMUR.

Inda de novo vens injuriar-me?
Intentas com palavras venenosas,
Indigno lisongeiro, seduzir-me?
Herminia ouvindo decretada a morte
D'hum caro irmão, que via a vez primeira,
Nem ter devia o desculpavel zelo,
Que o seu sangue no peito lhe inspirava?

AGN.

Deixai, senhor, que parta a liberta-la;
Innocentes punir será injusto.

AMUR. (1)

Primeiro rasgarei com este ferro
O teu peito feróz: primeiro quero
Despedaçar-te o coração infame
Nas trementes entranhas palpitantes,
E depois dirigindo o sacro alfanje,
No teu sangue banhado, ao proprio peito,
Gostoso offertarei hum sacrificio
A' lembrança de Herminia sempre cara.
E tu lá da morada soberana,

On-

(1) Tirando o alfange.

Onde em defcanço gozas paz ferêna,
Dirige o debil braço a quem anima,
Canfado, e frio fangue as fracas veias.
Sobreviver-te, Herminia, não defejo:
E fe o Mundo differ, que fou tyranno,
Dirá ao menos, que tambem fui jufto.
O corpo vil ferá tão facrofanto,
Que não poffa a noffa alma livremente
Suas prizões deixar quando precifa!
Que formidavel crime commettemos,
Em apreffarmos hum funefto inftante,
Que mais tarde, ou mais cedo o Ceo nos manda!

SCENA II.

OFFICIAL, AMURATHES, AGNOR.

OFFIC.

DEbalde Herminia defender-te intenta.

AMUR.

Herminia ainda vê a luz do dia!

OFFIC.

Sim: ambos por teu mal refpirão inda.

AMUR.

Quem os falvou? que trance, que fucceffo...?

OFFIC.

Godofredo impaciente caminhava

En-

Entre guardas, para huma, e outra parte
Os inquietos olhos revolvendo;
De quando em quando os braços levantava,
E as pendentes cadêas realçava
O terror, que elle todo reſpirava.
Eis-que ſubito pára, e de entre as guardas
Impetuoſo ſolta as mãos terriveis.
Levantou-ſe hum eſtrondo pavoroſo.
Muitos Chriſtãos, que andavão disfarçados
Companheiros daquelles que prendeſte,
Quando por ti Agar foi deſcuberto,
Os turbantes de repente atraz deixárão.
Mudos, e fortes, golpes repetindo
Não conhecião da eloquencia o uſo.
Ao meſmo tempo o exercito ſe abala,
E quando apenas ás muralhas chega,
Lanção por terra as arrombadas portas.
Eu vi nas ſuas mãos aſſoladoras
Por mil partes ſaltar o mortal raio,
Que rápido vôou por todo o Cayro.
Altas rimas de corpos moribundos
Exſangues jazem nas deſertas ruas,
Victimas triſtes das fataes eſpadas.
No meio da carnagem furioſos
Em altas vozes Amurathes chamão . . .

AMUR.

Segue-me, Agnor, morramos, mas vingados.

AGN.

No Serralho melhor nos defendemos.
Ninguem ſalvar-ſe da Cidade pôde,

E todos buſcaráõ ſeguro aſylo
Neſte lugar ſagrado : não partamos ,
Se partimos daqui , vamos perder-nos.

OFFIC.

E Herminia , que tanto vos procura ,
Talvez obtido tenha a voſſa vida.

AMUR.

Eu viver para não ver mais Herminia !
Ella longe daqui ſerá levada.
E eu ! eu baldadas lagrimas vertendo
Paſſarei dias de aſpera amargura !
Não : mais depreſſa ſoffrerei a morte ,
Do que viver ſem honra , e ſem Herminia :
Eſte alfange , que já por tantas vezes
Tenho valoroſamente ſuſtentado ,
Em inimigo ſangue vá tingir-ſe.
A morte irei buſcar no centro meſmo
De armados eſquadrões : ſe Herminia virdes ,
Dizei-lhe , que Amurathes ſoube amá la ,
Venerá-la , e em fim morrer por ella.

SCENA III.

OFFICIAL ſó.

CEga ambição , funeſto , e triſte eſcolho ;
Onde tropeça a debil natureza ,
De ti brotão os crimes , e as deſgraças !

SCE-

SCENA IV.

HERMINIA, OFFICIAL.

HERM.

HE entrado o Serralho, e eu não descubro,
Onde se occulta o misero Amurathes.
Não posso por ventura já valer-lhe?
Já cortárão os seus infausto dias?
Já os crueis... porém tu não respondes?
A Terra, o Ceo, e Deos tudo parece
A tantos ais estar empedernido!
Ninguem d'huma infelice tem piedade!
A's minhas tristes lagrimas sentidas
Té o teu coração está gelado?

OFFIC.

Não: mas para que queres, que eu augmente
A tua desventura, e o teu desgosto?
Dizer-te poderei... ah! desgraçada!
Se Amurathes Herminia não amasse,
Talvez, que inda...

HERM.

Talvez, que não morresse?
Já, Ceos piedosos, esta mão iniqua,
Vibrando infame ferro pertendia
Merguihar-se no seu Augusto peito:
Vós, que só retivestes o traidor braço,
Agora não queirais, que eu seja a causa

Da morte de hum Monarca desgraçado ;
Que innocente julgaste ha pouco tempo.

OFFIC.

O teu amor foi a funesta origem
Das desventuras , que em tropel o cercão.
Godofredo , talvez , lhe perdôara ,
Se a cada instante se lhe não pintasse
A honra , e amor , que Herminia lhe offertava.

HERM. só.

Pois isto foi em mim algum delicto !
A Fé de Christo ainda não sabía.
A voz da natureza he favoravel ,
E Mafoma o consente , e favorece.
Então em que terei sido culpada !
Ah ! barbaro Paiz . . .

SCENA V.

GODOFREDO , HERMINIA , SOLDADOS.

GODOF.

Correi , soldados ;
Minhas ordens cumpri , morra o Tyranno.

HERM.

Senhor , meu caro irmão . . . sêde piedoso :
Huma alma de desgraças opprimida ,
Sem razão . . . ás paixões abandonada ,
Deve encontrar em vós alguma graça :

Pe-

Peço-vos hum favor, favor extremo.
Eſte de ſupplicante triſte eſtado,
Eſte pranto, de irmã o terno nome
E os humidos joelhos, que vos bejo,
Devem formar em vós hum peito brando.

GODOF.

Ergue-te, Herminia, e pois já conheceſte
O funeſto caminho de teus erros,
Falla, pede, verás como depreſſa
As tuas petições cumpro contente.

HERM.

Pois, ſenhor, nada mais pedir-vos quero;
Do que a vida do miſero Amurathes;
Para Jeruſalem embora eu parta;
No Cayro como d'antes reinar póde
Eſſe infeliz Monarca ſem Herminia.
Ou he preciſo, que hum Principe venha
Dirigir com a ſua illuſtre morte
Para Jeruſalem meus triſtes paſſos?

GODOF.

O ſeu crime merece alto caſtigo.
Porém como pediſte, e além diſſo
Nenhum mal d'hum vencido nos reſulta;
Com tanto, que o deſprezes, vai livra-lo.

HERM.

Oh Deos de amor (ſe algum Numen (1)
De tão ſagrados laços tem cuidado)
Favorecei os meus ſinceros votos,

(1) A' parte.

Ou entáo pela negra ſepultura
Guiai meus paſſos á morada eterna,
Onde em profunda noite os mortos jazem.

SCENA VI.

GODOFREDO ſó.

SAngue eſpalhado ſem razáo deteſto.
A brandura dirija os meus conſelhos.
Vivo Amurathes fique, ſe inſenſato
Com o meu ſangue náo intenta unir-ſe.
Se os Tyrannos da terra vingativos,
Orgulhoſos, altivos, e ſoberbos,
Querem, que ſe dobrem os joelhos,
O que ſómente a Deos fazer-ſe deve;
Se querem, que os que tem a meſma origem
Lhe concedáo porçóes de divindade,
Como ſe dos Ceos ſeus avós deſceſſem,
Lavando em ſangue a mais ligeira affronta:
Eu chamo pelo Tribunal tremendo
Deſſe Deos vivo, vingador dos crimes,
De vós, grande Deos, que elles tanto ultrajáo!
Tambem os chamo ao coraçáo dos homens
Aonde o centro dos ſegredos mora.
Que confusáo, que eſpanto, que ſurpreza
Dentro de ſi teriáo, quando viſſem,
Que os meſmos liſongeiros, que os incensáo,
Os julgáo os mais loucos d'entre os homens!
Hum Rei ſabio diverſo penſa ſempre;
A gloria d'hum Monarca he ſer amado.

SCE-

SCENA VII.

GODOFREDO, SELIM.

GODOF.

Porém que vejo, tu, Selim, turbado . . .

SELIM.

Ah! Senhor!

GODOF.

Falla, acaba.

SELIM.

Já Herminia . . .

GODOF.

Encontrou Amurathes?

SELIM.

Ceos! que encontro
Lhe deſtinou o fado! de feridas
Amurathes crivado, já morrendo
Perdia a eſp'rança de nos ſer funeſto.
Porém apenas vé ao longe Herminia,
Toma alento: nos olhos expirantes
Hum fogo abrazador ſe renovava.
Eu te perco: diz elle, e mais não pôde.
Herminia furioſa hum ferro tira,
E voltando contra o proprio peito;
Mas já na minha boca a voz expira . . .
Ambos morrêrão . . .

GO-

GODOF.

Que fatal desgraça!
Herminia, minha irmã, Herminia he morta!
He morta Musulmana, e eu vivo ainda!
O' natureza, santa natureza,
Quanto os teus sentimentos erão certos!
Eu mesmo lhe cravei no peito o ferro,
Eu que vê-la deixei hum tal amante,
Que moribundo já suppor devia.
E accesos raios sobre mim não soltão
Todo o furor da cólera celeste!
Quem lavará o meu delicto enorme!

SCENA VIII.

GODOFREDO, SELIM, HERMINIA ensanguentada.

GODOF.

CEos! q̃ objecto de dôr minha alma toma!
Sois vós, Herminia! tão amavel vida...

HERM.

E tornei inda meu irmão, a ver-te!
Chegai-vos, abraçai-me, antes, que expire.

GODOF.

Que furor te obrigou, inf'liz Princeza
A manchar co' o mais negro dos delictos
A longa serie das acções virtuosas,
Que tanto tempo tinhas sustentado?

HER-

HERM.

Amurathes formava os meus designios.
Desde agora os meus dias são completos.
Elle morreo ás vossas mãos severas;
E eu! eu o seguirei na noite eterna.
Este o dever extremo, que me resta.

GODOF.

Eu levado por hum furor zeloso,
Que a sã Religião sempre me inspira,
Acabei incautamente os vossos dias.

HERM.

Essa Religião em fim conheço.
Longo tempo vivi abandonada
Ao pezo enorme das paixões humanas.
Porém agora hum raio luminoso,
Cuja força conheço a vez primeira,
Me illumina, e me abraza o peito ardente.
Meu Deos vós me rasgais o véo escuro,
E já á luz da verdade os olhos abro.
A razão, que julguei por largo espaço,
Segura guia nas acções humanas,
De despenho em despenho deo comigo
No pavoroso abysmo em que me vejo.
Fui assáz infeliz por ter sahido
Do sangue, que nas vossas veias pulsa;
Fui assáz infeliz por ter deixado
Os vossos sãos, e sólidos conselhos.
Mas nesta hora final me lembro dellas.
Antes que expire, ser Cristã ordeno.

En-

Enſinai-me eſſa lei ſublime, e grande,
Que compaſſiva co' os mortaes perdôa,
Pelos remorſos meus, os meus delictos:
Remorſos inda mais crueis, que a morte,
Crueis remorſos, penas ſempre eternas,
Para que quereis tornar mais doloroſo,
Té deſta ultima hora o ponto extremo!

GODOF.

O' piedoſo Deos! Levais Herminia
A' doce habitação, onde ſe encontra
Sem miſtura de pena goſto eterno!
E eu ficarei ſoffrendo deſcontente
A longa vida cheia de triſtezas,
Carregado de immenſas deſventuras!

HERM.

Vós, ſenhor, foſtes, e ſereis ditoſo.
Marcárão-vos os Ceos mais larga vida;
Os deſtinos ſegui, que Deos, e o Mundo
Saberáõ premiar tantas virtudes.
Eu morro... e morrerei aſſáz contente,
Por ver punidos meus tamanhos crimes.

GODOF.

He em vão que eſtas ſallas parecião
Para a minha ventura eſtar marcadas.
Ah! nellas meſmas vi deſvanecido
O fantaſma brilhante da grandeza,
Que té agora acompanhou meus paſſos.
Em vão viveſte no auge da ventura,
Muito infeliz Herminia, para agora

Co' a tua meſma mão cortar os paſſos,
Que conduzir-te a Jeruſalem devião.
Lá entre os teus comigo vivirias,
Unico eſteio, que depois da morte
De noſſos Pais illuſtres te reſtava.
Dalli irias ver os Patrios climas,
Onde o primeiro dia reſpiramos.
Não : o meu pranto acerbo, os meus gemidos,
Não pódem exprimir a dôr, que ſinto.
Mas co' as armas na mão,nos olhos pranto, (1)
Sirvamos Deos, e os noſſos grandes votos.
Elles nos derão immortaes victorias.
Os campos Syrios já nos chamão ; vamos.
Se Godofredo tem de irmão entranhas,
Eſtá eleito de Cruzadas Chéfe.

---

(1) Para os ſoldados.

F I M.

ERRATAS

DAS

OBRAS POETICAS.

Erros.	Emendas.
Pag.	
4 tolda !	— toldão
6 para par	— par a par
23 em tres	— entre
25 e pouco	— e pouco a pouco
ibid. livras	— libras.
34 abſtracos	— abſtractos

DA TRAGEDIA.

vi *Sophoches*	— *Sophocles*
19 Reis: tu	— Reis tu
33 ſoube	— ſube
ibid. de lembrança.	— da lembrança
50 ſoubermos	— ſoubemos
51 examino	— examina
55 ao golpe	— ao longe
59 temo	— te temo